

**“NÃO ARARÁS COM BOI E ASNO JUNTOS”:**  
interpretações de Deuteronômio 22,10

***YOU SHALL NOT PLOW WITH AN OX AND A DONKEY TOGETHER”:***  
*interpretations of Deuteronomy 22,10*

**“NO ARARÁS CON BUEY Y ASNO JUNTOS”:**  
*interpretaciones de Deuteronomio 22,10*

**Guedds Sobrinho da Silva\***

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião  
Goiânia, GO, Brasil  
E-mail: [gueddssilva@gmail.com](mailto:gueddssilva@gmail.com)  
ORCID: [0009-0007-0374-8953](https://orcid.org/0009-0007-0374-8953)

**Valmor da Silva\*\***

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião  
Goiânia, GO, Brasil  
E-mail: [lesil@terra.com.br](mailto:lesil@terra.com.br)  
ORCID: [0000-0002-0372-5889](https://orcid.org/0000-0002-0372-5889)

**RESUMO**

O artigo analisa a lei que proíbe arar com um boi e um asno, na mesma junta, de acordo com Dt 22,10. Explica o contexto literário da lei, no livro do Deuteronômio, bem como sua formulação paralela em Lv 19,19. Em seguida, expõe as diversas interpretações alegóricas, que desviam do sentido legítimo da lei. Concentra-se na sua explicação, no contexto agrícola do antigo Israel, com foco na proteção dos animais para o trabalho. Objetiva, com isso, analisar a relevância dessa proibição dentro do Código Deuteronômico, para proteção dos animais e eficiência dos trabalhos agrícolas. Para alcançar esse objetivo, utiliza-se da metodologia de análise textual e contextual, complementada por revisão bibliográfica e interpretação de fontes rabínicas e comentários históricos. Os resultados obtidos criticam interpretações alegóricas, de caráter religioso, ritual, étnico ou social, para realçar o sentido prático da lei que visa proteger os animais e potencializar a produção agrícola. Conclui-se que a proibição de misturas, como apresentada em Dt 22,10, é um reflexo das preocupações com o bem-estar dos animais e com a eficiência da agricultura.

**Palavras-chave:** Boi; Asno; Deuteronômio 22,10; Levítico 19,19.

\* Mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

\*\* Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestrado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana.

**ABSTRACT**

*The article analyzes the law that prohibits plowing with an ox and a donkey, in the same yoke, according to Dt 22,10. Explains the literary context of the law in the book of Deuteronomy, as well as its parallel formulation in Lev 19,19. It then sets out the various allegorical interpretations, which deviate from the legitimate meaning of the law. It focuses on its explanation in the agricultural context of ancient Israel, with a focus on the protection of animals for work. The aim is to analyze the relevance of this prohibition within the Deuteronomic Code, for the protection of animals and the efficiency of agricultural work. To achieve this objective, the methodology of textual and contextual analysis is used, complemented by bibliographical review and interpretation of rabbinical sources and historical commentaries. The results obtained criticize allegorical interpretations of a religious, ritual, ethnic or social nature, to highlight the practical sense of the law that aims to protect animals and enhance agricultural production. It is concluded that the prohibition of mixtures, as presented in Dt 22,10, is a reflection of concerns about animal welfare and the efficiency of agriculture.*

**Keywords:** Ox; Donkey; Deuteronomy 22,10; Leviticus 19,19.

**RESUMEN**

*El artículo analiza la ley que prohíbe arar con un buey y un asno en la misma yunta de acuerdo con Dt 22,10. El texto explica el contexto literario de la norma en el libro del Deuteronomio y su formulación paralela en Lv 19,19. A continuación se exponen las diversas interpretaciones alegóricas que desvían del sentido legítimo de la ley. El estudio se concentra en la explicación dentro del contexto agrícola del antiguo Israel con un enfoque en la protección de los animales para el trabajo. Se busca analizar la relevancia de esta prohibición dentro del Código Deuteronomico para la salvaguarda de las criaturas y la eficacia de las labores del campo. El trabajo utiliza el análisis textual y contextual junto con la revisión bibliográfica y la interpretación de fuentes rabínicas y comentarios históricos. Los resultados obtenidos critican las interpretaciones alegóricas de carácter religioso, ritual, étnico o social para realzar el sentido práctico de la ley. Se concluye que la prohibición de mezclas en Dt 22,10 refleja las preocupaciones con el bienestar de los animales y con el éxito de la agricultura.*

**Palabras Clave:** Buey; Asno; Deuteronomio 22,10; Levítico 19,19.

**1 INTRODUÇÃO**

A lei bíblica “não ararás com boi e asno juntos” (Dt 22,10) passou por diversas interpretações ao longo da história. A tendência majoritária dessas interpretações inclina-se para a alegoria, simbologia ou teologia, com desatenção ao seu sentido genuíno. A investigação apresenta algumas dessas leituras para concentrar-se no sentido literal da norma, em seu contexto literário e histórico. Tal preceito estabelece, de maneira inequívoca, a proibição de juntar, na prática da aradura, dois animais diferentes em categoria e força, o boi e o burro.

A análise das prescrições contidas no Código Deuteronomico explicita a organização da vida em Canaã e a preservação de tradições proféticas e levíticas. Situada em um conjunto de leis sobre o respeito à vida e a proibição de misturas (*mišwot*), essa norma constitui um ponto de união literária entre os mandamentos do decálogo que tratam do homicídio e do

adultério. Nota-se uma diversidade de interpretações alegóricas que buscam explicar tais interditos como vestígios de costumes ou rituais de pureza, quase sempre sem considerar os aspectos práticos da proteção animal.

O exame da transição terminológica entre o termo genérico de Levítico 19,19 e a especificidade de Deuteronômio 22,10, que nomeia o boi e o jumento, demonstra o rigor da norma bíblica. Sob essa ótica, a restrição de arar com animais de forças desiguais manifesta uma preocupação com o sofrimento. O boi, símbolo de força e prosperidade, e o jumento, marcado pela resiliência e humildade, possuem características naturais que a legislação exige respeitar.

A fundamentação na exegese bíblica ocorre em diálogo com a literatura rabínica, especificamente a Mishná e o Talmud, no tratado de Kil'ayim. Esse percurso vincula o sentido original do verbo *haraš* (arar) e da expressão *yahedaw* (juntos) com a realidade do trabalho no solo. O método comparativo e o exame das notas explicativas das Bíblias de estudo sustentam a interpretação da lei mosaica. Desse modo, a proibição de atrelar forças desproporcionais estabelece um paradigma de justiça e de parcerias equilibradas, o que garante que a produtividade não ocorra à custa da desigualdade com as criaturas.

A lei que proíbe arar com um boi e um jumento juntos está em Dt 22,10 e tem um paralelo em Lv 19,19, onde se refere a animal (*behemah*), de maneira genérica, sem mencionar especificamente boi ou jumento. No livro do Deuteronômio, essa lei se situa em seu núcleo central, conhecido como Código Deuteronômico (Dt 12-26) e que seria a parte mais antiga do livro. Esse código de leis (*mišwot*), localizado, literariamente, na entrada da Terra Prometida, é apresentado como palavra de Deus, para instruir o povo sobre como viver em Canaã (Van Seters, 1998, p. 16).

O livro do Deuteronômio, na verdade, guarda memória de séculos de tradição profética e levítica, com a moldura literária de uma reforma político-religiosa. Em sua dinâmica de compromisso firmado pela aliança de Deus com o seu povo, a terra ganha importância vital e, conseqüentemente, as leis sobre agricultura e sobre cuidado com os animais se destacam (Ribeiro, Barros, Silva, 2015). O capítulo 22 de Deuteronômio insere-se num conjunto de prescrições diversas, que inclui algumas orientações sobre o trato com animais e, especificamente, sobre bovinos.

“Em Dt 22,1-12 falta homogeneidade, tanto no plano formal como no temático” (García López, 1992, p. 63). Os v. 1-4 tratam de animais extraviados e objetos perdidos, com a devida obrigação de devolvê-los a quem pertencem. Os v. 5-9-11 apresentam as proibições de misturas. Os v. 6-7-8 tratam do respeito à vida. O v. 5 refere-se à sexualidade. O autor

conclui que o texto de Dt 22,1-12 “parece ter sido concebido como ponto de união para ligar as leis sobre o homicídio às leis sobre o adultério” (García López, 1992, p. 63). É o que confirma Kramer (2023, p. 212), para quem, “essas proibições (22,5.9-11) são, do ponto de vista literário, uma ponte entre as leis complementares do quinto mandamento do decálogo e as do sexto mandamento” (Kramer, 2023, p. 212).

## 2 AS MISTURAS PROIBIDAS: DT 22,9-11 E LV 19,19

Em Dt 22,9-11 há uma sequência de três proibições de misturas, que suscitam intenso debate entre os estudiosos e interpretações as mais diversificadas. As proibições se referem a não misturar sementes na sementeira, não misturar animais na aradura e não misturar materiais no vestuário:

Não semearás em tua vinha duas espécies de semente, para evitar que a vinha inteira se torne consagrada, tanto a semente que semeaste como o fruto da vinha.  
Não lavrarás com um boi e um asno na mesma junta.  
Não vestirás uma roupa mesclada de lã e linho (Dt 22,9-11).<sup>1</sup>

As três proibições possuem uma versão paralela em Lv 19,19, com algumas diferenças significativas:

Não jungirás dois animais de espécie diferente, no teu rebanho;  
não semearás no teu campo duas espécies diferentes de sementes e  
não usarás veste de duas espécies de tecido (Lv 19,19).

A comparação entre os dois textos é significativa. Deuteronômio começa com a proibição de semear duas espécies de semente na vinha e segue com uma explicação, para evitar que a vinha se torne sagrada. Levítico passa a sementeira para o segundo lugar e não faz referência à vinha. Deuteronômio centraliza a aradura e inclui o boi e o asno, no lugar do genérico animal (*behemah*) de Levítico. Deuteronômio cita lã e linho, ao invés do genérico tecido.

As pessoas que se dedicam a estudar esses dois textos procuram explicar qual é anterior. A opinião geral é que as proibições de Levítico são anteriores às de Deuteronômio (Nelson, 2002, p. 268-269, nota 7; Campbell, 2023b, p. 112). As explicações são muitas e curiosas, algumas surpreendentes. Senão, vejamos.

<sup>1</sup> Tradução conforme a *Bíblia de Jerusalém* (2024).

### 3 EXPLICAÇÕES ALEGÓRICAS PARA AS PROIBIÇÕES

A *Bíblia de Jerusalém* (2024, nota “a” em Dt 22,11) explica: “Estas três últimas proibições são vestígios de primitivos interditos”. As edições anteriores, da mesma *Bíblia de Jerusalém*, na mesma nota, continuavam essa explicação:

Estas três últimas proibições são vestígios de primitivos interditos, cujas razões não eram apresentadas. Tais proibições podem ser entendidas à maneira de coisas reservadas a Deus, e por isso “consagradas” (v. 9). Por outro lado, parece haver aqui a concepção de que tais misturas poderiam introduzir a desordem na criação, cujos elementos foram “separados” por Deus (Gn 1). Talvez se refiram a antigos costumes mágicos (Lv 19,19).

Como se constata, a nota oferece quatro explicações diferentes, que passamos a explicitar. Nenhuma delas faz referência à proibição de lavrar com o boi e o asno na mesma junta. Essa primeira interpretação alegórica vai na linha do tabu ou interdito, por algum significado de origem desconhecida. “Talvez se tenha transmitido o preceito sem conhecer o antigo significado dos usos proibidos” (Von Rad, 1981, p. 157). Kramer emite a mesma opinião, ao afirmar que: “Nessas proibições o redator deuteronômico deve ter conservado interdições antigas sem que se conheça exatamente o seu sentido” (Kramer, 2023, p. 212).

A *Bíblia Tradução Ecumênica* (1994, nota “l” em Dt 22,9) enfatiza essa interpretação, ao explicar que “a mistura é proibida por causa de interdições primitivas, que se impõem sem que se esclareçam os motivos (ver Lv 19,19, nota). Daí resulta uma proibição de uso análoga à que toca às coisas reservadas a Deus, donde o uso do termo *sagrado*.” (1994, nota “l” em Dt 22,9).

Essa explicação de coisas consagradas ou reservadas a Deus possui algumas variantes. Nelson (2002), por exemplo, relaciona as proibições com a distinção entre coisas profanas e a violação do espaço sagrado. “Talvez a preocupação com a segurança dos animais de tração se sobreponha a uma questão mais antiga de pureza ritual” (Nelson, 2002, p. 269). Outro autor que se dedica às diversas explicações sobre a proibição de misturas nos textos bíblicos mencionados, tem sua preferência em relacionar a pureza dos animais com a pureza do culto (Campbell, 2023a, 2023b).

Campbell, que analisa diversas interpretações dessas proibições e as críticas, elenca alguns estudos nessa linha de interpretação alegórica popular, segundo a qual: “Deus criou as coisas para serem separadas e a mistura está retornando ao caos primordial, desfazendo assim a obra de criação ordenada de Deus” (Campbell, 2023b, p. 111-112). Buis partilha da mesma dúvida quanto à origem dos interditos, e conclui, a propósito das proibições: “É sem

dúvida porque elas tinham um valor mágico que o Código interdita uma série de práticas bizarras” (Buis, 1969, p. 314). Mas há explicações alegóricas mais curiosas, como ilustrado a seguir.

Carmichael insistiu, em diversas publicações, numa interpretação alegórica que foi fortemente criticada. Numa vertente da explicação, a mistura se referiria à união sexual ilícita entre Judá e sua própria nora Tamar, conforme a narrativa de Gn 38, como representação da união dos ancestrais com os cananeus. Noutra vertente, a mistura poderia ser uma crítica à união entre José e os egípcios, de Gn 37 (Carmichael, 1982). A propósito das reações críticas a essa teoria, pode-se consultar os artigos de Campbell (2023a; 2023b).

Igualmente curiosa é a interpretação de Twersky, segundo a qual as misturas de sementes na vinha teriam conexão com as imoralidades sexuais de Sodoma e Gomorra, em cujas etimologias ela vê Sodoma associada com semente e Gomorra com unidade de medida (Twersky, 2016). Avaliações críticas se encontram igualmente em Campbell (2023a; 2023b).

Como se pode concluir dessa rápida apresentação, os estudos não se preocupam com a presença do boi e do burro juntos, na aradura do campo, a lei que se refere à agricultura, do texto de Dt 22,10. Tampouco as notas explicativas das Bíblias de estudo dão atenção ao aspecto da proteção dos animais. Faz exceção a *Bíblia Paulinas* (2023, nota em Dt 22,1-12), nota de Leonardo Agostini Fernandes, que alude à preocupação em devolver os animais alheios extraviados, especificamente o boi e o asno que caíram no buraco (Dt 22,4). O interesse do estudo a seguir concentra-se, especificamente, na proibição de colocar um boi e um jumento juntos na mesma canga, dentro do contexto prático da agricultura.

#### 4 PREOCUPAÇÃO COM O BOI E O JUMENTO EM DT 22,10

A *Mishná*, compilação de ensinamentos orais da tradição judaica, que é a base sobre a qual o *Talmud* foi construído, traz uma sua seção sobre as misturas proibidas (Dt 22,9-11), conceituada como *Kil'ayim* que é uma interpretação da lei judaica referente à proibição de misturar diferentes espécies de plantas, de animais, ou de tecidos (*Mishná Kil'ayim*, 2010). A tradição judaica classifica os animais em categorias: *limpos* e *impuros*. A combinação do boi (animal limpo) com o jumento (animal impuro) é uma violação da separação divina entre diferentes categorias de criação.

No tratado de *Kil'ayim*, são abordadas proibições de misturas agrícolas e animais. A *Mishná*, uma das primeiras coleções de ensinamentos rabínicos, detalha as leis sobre misturas no tratado de *Kil'ayim*. Essas leis fornecem diretrizes sobre o cultivo e a colheita.

Os rabinos argumentam que essas normas são formas de ensinar com respeito pelas divisões estabelecidas pela natureza e pela *Torá* (*Mishná Kil'ayim*, 2010, 1:1-9).

O *Talmud* examina as questões técnicas dessas misturas e seus significados éticos e espirituais. Conforme o *Talmud de Jerusalém* (2015), as leis de *Kil'ayim* são notificações sobre a santidade e a separação que os israelitas devem manter: “A terra e seus produtos não devem ser confundidos; como o povo de Israel, devem permanecer puros e distintos” (*Talmud de Jerusalém, Kil'ayim*, 2015, 8:2). Desse modo, cada espécie deve ser respeitada em sua forma e função, o que expressa compromisso com a preservação das tradições e identidades (*Talmud Babilônico, Kil'ayim*, 2014, 9:1).

A *Mishná*, portanto, em sua seção agrícola, chamada *Kil'ayim*, confirma a proibição bíblica de unir, para arar, animais de espécies diferentes, isto é, de puros e impuros sob o mesmo jugo.

A proibição em Deuteronômio 22:10 lista dois animais e, significativamente, um é limpo e o outro impuro (boi e jumento). A passagem bíblica não declara explicitamente que o arar deve ser realizado de maneira pura ou com animais limpos, mas os animais nomeados indicam isso (Campbell, 2023b, p. 118).

Na perspectiva ético-teológica, a prescrição de não misturar diferentes tipos de animais pode ser interpretada como uma metáfora de ordem moral e ética. Outro aspecto é a representação simbólica das tensões sociais e culturais do período. O boi e o jumento são símbolos de diferentes classes sociais ou grupos étnicos. Simbolicamente refletem a necessidade de evitar desigualdades e injustiças sociais.

Nas interpretações alegóricas de Campbell, as proibições das três misturas têm significado social. Em cada proibição de caráter social se reflete uma divisão religiosa. Assim sendo, ao proibir semear duas sementes diferentes no mesmo campo (Dt 22,9; Lv 19,19), a intenção é manter a pureza da agricultura, como reflexo da pureza religiosa da separação com pagãos (Campbell, 2023b). Ao proibir juntar duas espécies diferentes do rebanho (Dt 22,10; Lv 19,19), o texto bíblico intenciona manter a distinção necessária com relação ao culto e à agricultura (Campbell, 2023a). Ao proibir misturar duas vestes (Dt 22,11; Lv 19,19), a intenção é evitar a mistura de classes sociais, visto que essa possibilidade de usar vestes diferentes era reservada à classe levita sacerdotal (Campbell, 2022).

Misturar forças desiguais poderia ser uma alegoria para relações desiguais na sociedade. É uma alusão contra a opressão e a exploração. A verdadeira justiça é possível somente com parcerias equilibradas e respeitadas. A restrição de não arar com espécies diferentes também pode ter significados espirituais. Relaciona-se ao ritual de pureza. No

contexto religioso, essa separação simboliza a pureza do povo de Israel. Estes deveriam abster-se de práticas que pudessem contaminá-los. A metáfora pode ser um chamado para o povo se manter separado das práticas impuras e dos costumes pagãos das nações vizinhas. Reforçava a identidade coletiva e a fidelidade a Yahweh.

O Antigo Testamento e outras literaturas do Oriente Próximo enfatizam o uso exclusivo de bois para o arado, dado o risco de atrelar conjuntamente animais de forças desiguais. Tudo isso poderia resultar em ineficiência e prejuízos econômicos, especialmente ao jumento, que é um animal mais fraco que o boi.

Com efeito, o Antigo Testamento, seguindo as literaturas do Antigo Oriente Próximo, tanto textos sumérios quanto egípcios, bem como a prática comum da agricultura, não tem recomendação de outros animais para a aradura, além do gado bovino. Eram conhecidos, pelos antigos agricultores, os perigos em atrelar juntos animais de força desigual.

Os bois eram os animais padrão para arar e atrelar animais desiguais não proporciona vantagem ao agricultor, mas arrisca perda econômica ao prejudicar seu gado (especificamente o jumento mais fraco). Parece, então, que algo mais profundo é pretendido por essa proibição (Campbell, 2023b, p. 114).

O texto hebraico é enxuto e preciso: *Lô'-taħaroš bešor-wubaħamor yaħedaw*. Soaria literalmente assim: “Não ararás com boi e com asno juntos” (Dt 22,10). Estranhamente, os comentários ao texto, em maioria, tendem para as interpretações alegóricas, como visto, sem a devida atenção aos termos expressos, que se referem, especificamente, a uma prática da agricultura, não lavrar com boi e com asno juntos. A essa explicação se dedica agora o estudo.

O verbo *ħarāš* tem aqui sentido inequívoco de arar ou lavrar a terra. Embora o verbo signifique também entalhar, além de outros sentidos da mesma raiz, ele é usado, na maioria das vezes, para designar o ato de arar o solo (Wiseman, 1998, p. 540).

Pertile (2022, p. 18-23) faz uma exposição sobre os métodos de aradura da época de Jesus. A partir da precariedade dos métodos agrícolas antigos dessa época, pode-se imaginar como seriam os tempos mais antigos. O solo daqueles terrenos era duro e pedregoso, os arados rudes, de madeira ou de ferro e a força exigida era maior, seja do ser humano, seja do animal. Em geral, o processo exigia duas pessoas, uma para conduzir os animais e outra para colocar o arado na terra. Podia ser usado um animal, mas, dada a dificuldade, em geral se usavam dois. Podia ser uma junta de jumentos ou de vacas, porém o mais comum eram os bois. Os animais eram cangados juntos, e puxavam o arado atrelado com cordas (Jó 39,10).

A lavra era decisiva para uma colheita bem-sucedida uma vez que ela dava início ao novo ano agrícola. Ela era feita em etapas. De início, uma lavra superficial preparava o solo para o recebimento das “primeiras chuvas”. Os torrões de terra resultantes da aração eram quebrados ou esterroados (Futato, 2011, p. 295).

A lavra da terra marcava o rito de passagem do novo ano agrícola. Seguia o rito, dividido em etapas. O uso do boi na aração da terra simbolizava a sua transcendência em relação ao trabalho físico. A preparação adequada do solo maximizava a produtividade e garantia a subsistência das comunidades dependentes da agricultura. As *primeiras chuvas* eram eventos climáticos muito importantes no ciclo agrícola. Ocorriam no final do outono e início do inverno. A referência a este fenômeno demonstra a dependência dos agricultores em relação aos ciclos da natureza. A utilização de bois para arar a terra denota que sua força era estendida à frágil condição física do ser humano.

As *primeiras chuvas* eram fundamentais para a preparação do solo, e ajudavam a amolecer a terra dura. Tornavam-na mais receptiva à lavoura profunda. Sem as chuvas, o solo permaneceria compacto e difícil de trabalhar. O arado facilitava a quebra da terra e a sua mistura. Criava um leito adequado para o plantio de sementes.

A Bíblia destaca a força laboriosa do boi (*šor*), como garantia de abundantes colheitas (Jó 39,11; Pr 14,4). Essa força física permitia aos agricultores realizar tarefas pesadas, como arar a terra, um trabalho intenso e contínuo. A robustez do boi estava associada à capacidade de transformar paisagens. Os bois eram úteis para preparar o solo antes da chegada das primeiras chuvas. Além de sua força física, o boi simbolizava estabilidade e prosperidade agrícola, uma vez que seu uso eficiente aumentava a produtividade das terras cultivadas. O vigor do boi, portanto, não é apenas característica física, é o cerne do desenvolvimento da agricultura ao longo da história. Afinal, “gado com chifres era, de longe, os mais importantes animais na economia agrícola dos antigos judeus” (Tristram, 2002, p. 68).

O emprego de bois, na aradura da terra, é uma prática bem conhecida na Bíblia (Jó 1,14; 39,10-11; Am 6,12). No registro da chamada do profeta Eliseu, consta que ele arava com doze juntas de bois (1Rs 19,19). Jumento, burro ou asno é um animal de importância física e simbólica no Antigo Oriente Médio. De animal de carga e montaria a representação mitológica do deus do sol, o jumento simboliza energia, no imaginário cultural e religioso. Jumentos servem como intermediários para negociações sociais e comerciais entre tribos semitas. Em textos sobre rituais, figuram estatuetas ou empalhamentos de asnos para afugentar demônios. A Bíblia possui recomendações específicas sobre o cuidado e a ajuda do jumento caído (Ex 23,5; Dt 22,4). Jumento robusto simboliza a força do patriarca Issacar (Gn 49,14). A persistência do jumento é destacada em Pr 26,3. Humildade e realeza desse

animal estão expressas na profecia do messias montado num jumentinho (Zc 9,9). Do ponto de vista alegórico, o jumento é símbolo da sabedoria e da humildade (Moor; Brown, 2011, p. 169-170).

No contexto da passagem em análise, o jumento possui importância por sua força de trabalho. Os jumentos, por serem animais de trabalho incansáveis e muito resistentes às adversidades climáticas e topográficas, tipificam a resiliência e a submissão em face das dificuldades. “Jumentos eram o animal mais comum usado para transporte de humanos e carga” (Borowski, 2003, p. 30).

A data da domesticação do jumento como animal de carga se perde na antiguidade. Há registros dessa prática em monumentos do Egito e da Assíria. Na Bíblia, há frequentes registros da presença do asno. Além de suas tarefas como animal de carga, os jumentos também eram utilizados para arar a terra, como menciona Is 30,24. Entretanto, a legislação em análise proibia juntar jumento com boi na mesma canga (Tristram, 2002, p. 40).

A expressão original é simplesmente *juntos*, como traduz a *Bíblia Tradução Ecumênica* (1994). Outras traduções explicitam “na mesma junta” (*Bíblia de Jerusalém*, 2024), ou “atados à mesma canga” (*Bíblia Sagrada Vozes*, 2001). Originalmente, *yaḥedaw*, significa “à uma, simultaneamente, em massa, unidos, juntos, ao mesmo tempo” (Schökel, 2004, p. 274). Para a passagem de Dt 22,10-11, o mesmo Dicionário explica: “Proibição: arar juntos, tecer misturas”.

Arar com dois animais *juntos* significa, pelo sentido óbvio da prática agrícola, atrelar os dois numa mesma canga ou jugo. A palavra *canga*, que não ocorre aqui, é usada em outras passagens bíblicas, com o termo hebraico *môṭah*, que pode significar vara ou bastão. É a palavra usada para o travessão da canga ou jugo. Serve para unir bois para puxar arados ou carroças. Possui esse significado específico de canga nas cinco passagens em que Jeremias usou o termo como referência à submissão da nação à Babilônia (Jr 27,2; 28,10.12.13.13)<sup>2</sup>. “Normalmente um jugo desse tipo, com madeira e correias de couro, era usado para puxar bois juntos com propósitos agrícolas ou transporte” (Harvey, 2011, p. 867).

A proibição em Dt 22,10 é um exemplo de como a Lei Mosaica refletia as preocupações, tanto práticas quanto simbólicas. Essa proibição evitava desumanidades. Boi e asno, com suas diferenças de tamanho, força e comportamento, não podem trabalhar confortavelmente na mesma canga. Isso resulta em trabalho ineficiente. Coloca em risco a

<sup>2</sup> A *Bíblia de Jerusalém* (2024) traduz *môṭah*, nestes textos de Jeremias, como *canzil*, que se refere ao par de paus enfiados na canga, de maneira vertical, para prender o pescoço do boi. Outras Bíblias traduzem como *jugo*.

saúde dos animais. O boi podia evitar o hálito fétido do asno/jumento. Este se alimenta de ervas tóxicas, já o boi não. Desse modo, ao evitar este tipo de alimento, o boi podia ficar desnutrido. Assim, tal regra pode ser vista como medida de compaixão para com os animais, visto que assegura o respeito às características naturais de cada um dos animais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se constata, a lei bíblica proíbe, de maneira clara e inequívoca, na prática agrícola da aradura, cangar, numa mesma junta, um boi e um asno. A proibição refere-se ao preparo da terra para a sementeira, num sistema de cultivo em que a força animal é decisiva. Nesse contexto, torna-se essencial o cuidado para com os animais, que representam a força de trabalho e a produção efetiva de alimentos.

Ao longo da história, as interpretações dessa lei tomaram rumos diversos. Embora existam leituras alegóricas, teológicas, sociológicas ou simbólicas, diversas interpretações desviam do foco do sentido genuíno. Nota-se a tendência para explicações mágicas, a partir de antigos tabus, proibindo as diversas misturas. Outras explicações visam distinguir coisas sagradas, devotadas a Deus, das profanas, reservadas aos humanos. Não faltam explicações sociais, visando reprovar os casamentos de patriarcas com estrangeiras, ou mesmo as condenações às imoralidades de Sodoma e Gomorra.

A atenção à letra da lei, em sua interpretação textual e em seu contexto literário e histórico, reflete uma prática específica do mundo agrícola da época, que privilegia a tração animal para o trabalho. Arar a terra, como preparo para a sementeira, exige força de gado bovino, com habilidades distintas da força equina. Daí surge a lei proibitiva em usar animais distintos, boi e burro, na mesma canga, para efetuar a aradura da terra. As consequências seriam fatais, tanto para a saúde dos animais, quanto para a sementeira e as colheitas. A norma, portanto, preserva a vida por meio do respeito às limitações naturais de cada espécie.

## REFERÊNCIAS

**Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2024.

**Bíblia Paulinas.** São Paulo: Paulinas, 2023.

**Bíblia Sagrada Vozes.** Petrópolis: Vozes, 2001.

**Bíblia Tradução Ecumênica (TEB).** São Paulo: Loyola, 1994.

BOROWSKI, Oded. **Daily Life in Biblical Times.** Atlanta: SBL, 2003.

BUIS, Pierre. **Le Deutéronome**. Paris: Beauchesne, 1969.

CAMPBELL, Nicholas John. Prohibited Mixtures: Mixed Clothing and Social Class. **Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft**, v. 134, n. 3, p. 303-316, 2022.

CAMPBELL, Nicholas John. A Comparative Interpretation of the Old Testament Prohibited Mixtures: Mixed Breeding in Leviticus 19:19. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 85, n. 23, p. 199-218, 2023a.

CAMPBELL, Nicholas John. Prohibited Mixtures: Mixed Plowing and Sowing. **Biblical Theology Bulletin**, v. 53, n. 2, p. 110-121, May 2023b.

CARMICHAEL, Calum MacNeill. Forbidden Mixtures. **Vetus Testamentum**, v. 32, n. 4, p. 394-415, 1982.

FUTATO, Mark David. *hrš*. In: VANGEMEREN, Willem A. (org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 295-296.

GARCÍA LÓPEZ, Félix. **Deuteronomio, uma lei pregada**. São Paulo: Paulinas, 1992.

HARVEY, John E. *Môtâ*. In: VANGEMEREN, Willem Arie (org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. V. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 867.

KRAMER, Pedro. **Comentário ao livro do Deuteronomio**: busca da terra, moradia e sociedade sem empobrecidos e excluídos. São Paulo: Dialética, 2023.

MISHNÁ KIL'AYIM. **The Mishnah: A New Translation with Commentary**. Edited and translated by Jacob Neusner. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2010.

MOOR, Michael S.; BROWN, Michael L. *hamôr*. In: VANGEMEREN, Willem Arie. (org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 169-171.

NELSON, Richard Donald. **Deuteronomy: A Commentary**. Louisville; London: Westminster John Knox Press, 2002.

PERTILE, Cassiano Alberto. **Grão e pão**: o saber camponês de Jesus de Nazaré. 2022. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/29564>. Acesso em: 18 jun. 2026.

RIBEIRO, Valdivino Souza; BARROS, Hébert Vieira; SILVA, Rosemary Francisca Neves. Memória, resistência e alegria no Deuteronomio. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 417-427, jul./set. 2015.

SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 2004.

TALMUD BABILÔNICO. **Bavli Kil'ayim**: The Babylonian Talmud's Treatise on

Prohibited Mixtures. Edited and translated by Avraham Yaakov Finkel. Jerusalem: Urim Publications, 2014.

TALMUD DE JERUSALÉM. **Kil'ayim**: Tractate on Mixed Species. Translated by Heinrich Walter Guggenheimer. Berlin, Germany: De Gruyter, 2015.

TRISTRAM, Henry Baker. **The Natural History of the Bible**: A Review of the Physical Geography, Geology, and Meteorology of the Holy Land. Piscataway: Georgias Press, 2002 [1883].

TWERSKY, Geula. The Anti-Hybridization Laws and Sodom and Gomorrah: An Inquiry into an Explanation of the Hybridization Prohibition. **Jewish Bible Quarterly**, v. 44, n. 3, p. 175-182, 2016.

VAN SETERS, John. **The Pentateuch**. In: MCKENZIE, Steven L.; GRAHAM, Matt Patrick. The Hebrew Bible today: an introduction to critical issues. Westminster John Knox Press, 1998. p. 3-49.

VON RAD, Gerhard. **Deuteronomio**: traduzione e commento. Brescia: Paideia, 1981.

WISEMAN, Donald John. ḥarash I, entalhar, lavrar, arar, delinear, maquinar. In: HARRIS, Robert Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 540-541.

**Apoio:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. Processo nº 202310267001323.

**Contribuição na coautoria:** Concepção e planejamento do estudo: GSS, VS. Coleta, análise e interpretação dos dados: GSS, VS. Elaboração ou revisão do manuscrito: GSS, VS. Aprovação da versão final: GSS. Responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo: GSS.

**Conflito de interesses:** Os autores declaram não haver conflito de interesses.

**Recebido em:** 20-11-2025

**Aprovado em:** 18-05-2026

**Editor-gerente:** Moisés Sbardelotto